



SUPER20

José Bernardo.

Você, certamente, já ouviu falar sobre gerações X, Y, Z. Esse conceito sociológico, popularizado pelo marketing, segue a mesma perspectiva de uma outra teoria, a 'Generation Gap'. Nessas teorias as gerações são definidas por profundas e abrangentes mudanças culturais que definem novas atitudes e comportamentos para as pessoas cuja infância se deu no período. Assim, as três últimas gerações que podemos distinguir são: a Geração X, consciente a partir do governo militar, a Geração Y, iniciada com as 'Diretas Já', e a Geração Z, desde o lançamento da Internet comercial em 1996.

Na AMME evangelizar, acompanhamos essa nomenclatura e as discussões pertinentes, mas desde 2010 mudamos oficialmente o marco teórico pelo qual analisamos o público que ajudamos as igrejas evangélicas brasileiras a evangelizar e pastorear. Desde o início de nosso ministério nos dedicamos à pesquisa estatística como forma de entender a ação de Deus, particularmente na conversão e perseverança na fé. Em 2009 nós lançamos o relatório SUPER20, com os dados da maior pesquisa demográfica já realizada sobre crescimento da Igreja, com mais 5.209 questionários válidos, corroborada pelo Experimento Conversão, com entrevistas em profundidade a 221 líderes evangélicos.

Uma das motivações para a pesquisa SUPER20 foram as publicações nos Estados Unidos sobre o tema, as quais resultaram no conceito 4-14, que indicava a janela de 4 a 14 anos de idade como concentrando a maioria absoluta das conversões. Nossa hipótese para a observação realizada foi que o grande percentual de protestantes naquele país, cerca de metade da população, enviesou o resultado e, portanto, em um país de maioria católica como o Brasil, haveria diferenças. A pesquisa revelou uma realidade significativamente diferente. No ano seguinte, em 2010, com a publicação do livro Líder Adolescente, deixamos o marco psicopedagógico, que orienta a abordagem etária nas igrejas, e adotamos o marco neurocientífico. Esse ensaio reflete essas descobertas e proposta.

1. Da idade

A janela brasileira é mais alta e mais larga

As conversões na Igreja Brasileira se localizaram principalmente nos primeiros 24 anos de vida. Até 10 anos = 19,1%; 11 a 17 anos = 32,71%; 18 a 24 anos = 25,56%; Acima de 25 = 22,63%. Os adolescentes representaram um terço de todas as conversões evangélicas, seguidos pelos jovens que somaram mais um quarto. Nominalmente, definimos a idade de 4 anos como o piso cognitivo para o processo de conversão.

- Seria de se esperar que, se 77% (aprox. três quartos) de todos os crentes brasileiros se converteram enquanto eram crianças, adolescentes ou jovens, o investimento da igreja (espaço, tempo, finanças e obreiros) na evangelização e pastoreio desses 20 anos de maior probabilidade de conversão fosse proporcional.

2. Do gênero

As meninas se converteram primeiro os meninos vieram depois

Mais mulheres responderam à pesquisa (53,18%) do que homens (46,82%). As mulheres se converteram mais do que os homens na infância (54,4%) e adolescência (53,3%). Na juventude os homens se converteram mais (57,4%).

- A Igreja Brasileira ficou cada vez mais feminina. Um dos problemas para os meninos receberem a Cristo quando são mais jovens pode ser a falta de homens ministrando para eles. A maioria dos obreiros para crianças e adolescentes recentes são mulheres. Elas definem atividades e padrões de comportamento tipicamente femininos, afugentando os meninos e feminizando os que permanecem. Os meninos precisam saber que o Evangelho também é coisa de homem!

3. Do ministério

A participação na Igreja está relacionada com a idade de conversão

Dos crentes que se converteram enquanto crianças 50,65% envolveram-se no ministério; Entre os que se converteram enquanto adolescentes esse número foi de 59,48% e de 61,87% dos que se converteram enquanto jovens. Conversões na adolescência e na juventude produziram mais obreiros para a Igreja!

- A grande maioria dos obreiros e ministros evangélicos são pessoas que se converteram de 11 a 24 anos. Eles representam mais da metade das conversões e das vocações. Isso pode estar relacionado com a construção da fé. Muitos convertidos enquanto crianças não experimentam estágios seguintes em sua fé, mantendo uma postura de 'senta e ouve'. Nesse momento quais são as oportunidades ministeriais para adolescentes e jovens? Infelizmente vivemos um momento de desresponsabilização das crianças, adolescentes e jovens.

4. Do agente

Como ouvirão se não houver quem pregue?

Os familiares foram evangelistas mais eficazes para crianças (67,30%). Amigos e outros evangelistas foram mais importantes na adolescência (51,89%) e na juventude (64,6%).

- Atualmente, a evangelização das crianças pela família está aumentando ou está diminuindo? Como melhorar isso? Atualmente, os adolescentes e jovens estão usando mais ou menos o seu potencial de influência para com os colegas? Como melhorar isso? Tanto a pesquisa SUPER20, como a recente pesquisa Cultura da Juventude Global, revelaram a pequena participação institucional da Igreja na evangelização e no pastoreio. A conversão e a perseverança na fé acontecem preferencialmente nos relacionamentos pessoais, isso quando os crentes estão conscientes e ativos em sua missão bíblica de comunicar o Evangelho.

5. Do contexto

A conversão de crianças foi mais frequente nos lares evangélicos.

A maior parte das conversões de crianças aconteceu no cenário evangélico (55,17%). Na adolescência, menos da metade das conversões aconteceu nesse contexto (42,86%) e na juventude apenas 17,24%.

- No caso das crianças convertidas em lares não evangélicos, quase metade dos crentes declarou que seus pais os trouxeram à igreja – ou seja, quando a família se converteu, eles se converteram. Assim, mais de três quartos dos crentes que se converteram quando criança o fizeram porque a família era ou se tornou evangélica. Isso confirma o que se viu na categoria 4 – as conversões de crianças acontecem preferencialmente no contexto evangélico. Já entre os adolescentes, quanto mais idade têm, menos provável que sua conversão seja no contexto evangélico – eles vêm de famílias com outras religiões.

6. Do ouvir e decidir

Quanto demora decidir-se pela verdade evangélica?

Dos crentes que se converteram adolescentes (11 a 17 anos), 45,24% ouviu o Evangelho ainda criança. Entre aqueles que se converteram quando jovens (18 a 24 anos) $\frac{3}{4}$ ouviram o Evangelho na mesma idade. Os adolescentes recentes tiveram maior impacto nesse número, fazendo com que o perfil das conversões fosse mais prolongado no início da adolescência. Já os jovens, se destacam de todas as idades pelo percentual mais alto de conversão logo após ouvirem o Evangelho. Eles estavam mais prontos para uma decisão do que os adolescentes recentes.

- Pensando que um número grande de adolescentes (45,24%) demorou alguns anos (desde que ouviu o Evangelho na infância) para tomar sua decisão por Cristo, e supondo que esse comportamento está relacionado à sensação de independência para decidir, que ações podem ser tomadas para que as crianças (e adolescentes) tomem sua decisão tão logo ouçam o Evangelho?

7. Do local

O lar foi o principal local para ouvir o Evangelho.

Foi no lar que 42,10% dos entrevistados ouviram a boa notícia. Isso inclui, não somente a evangelização doméstica, como também a evangelização de casa em casa e a presença de parentes e amigos evangelistas. A igreja ficou em segundo com 23,98%, o que reflete a vida comunitária, com seus eventos e atividades evangélicos, não necessariamente a

figura institucional, já que pregadores e professores tiveram menor influência. Escola, parque, clube foram 17,54%. Outros lugares representaram 16,38%.

- Considerando que bem mais da metade (58,27%) das conversões evangélicas acontecem na adolescência (32,71%) e juventude (25,56%), e que os colegas foram os principais evangelistas, a escola deveria ter maior representatividade como local. Porque não tem? Como melhorar isso? A pesquisa Cultura da Juventude Global mostrou que na atual geração o número de adolescentes e jovens que compartilha espontaneamente a fé é bem pequeno.

8. Do afastamento

Porque os adolescentes se desviam?

Das pessoas que declararam terem-se convertido na infância, 37,93% se desviou e depois retornou; desses 63% eram filhos de crentes. Dos que declararam terem-se convertido na adolescência, 30,95% se desviou e desses, 53,64% eram filhos de crentes. Dos que colocaram sua conversão na faixa dos 18 a 24 anos de idade, 13,80% se desviou e somente 10% eram filhos de crentes. Assim, temos que o número de desvios e de filhos de crentes foi menor tanto quanto maior foi a idade de conversão. Esses números referem-se aos que retornaram à igreja. A pesquisa Cultura da Juventude Global mostrou o crescimento no número de desviados, indicou maior resistência ao retorno e revelou o grande número de evangélicos não comprometidos, desviados crentes.

- A fé que move as conversões das crianças, quase todas filhas dos crentes, é a fé afetiva, relacionada com um ambiente agradável e amoroso da igreja. No início da adolescência é necessária uma fé lógica e, logo depois, uma fé emocional, experiencial, mas a maioria dos adolescentes criados na igreja não acha espaço e recursos para fazer essas construções. Por outro lado, os adolescentes de lares não evangélicos que se convertem na adolescência desenvolvem, desde o início, uma fé compatível com sua idade, capaz de sustentá-los na jornada cristã.

1.9. Da evangelização

Se as crianças se convertem, por que não são evangelizadas?

Dos líderes entrevistados no Experimento Conversão, 94% disseram que evangelizam, mas 27,7% desse total, bem mais de ¼ disseram que não evangelizam crianças. O que se observa é que o ministério infantil e com adolescentes, nos materiais existentes e nas programações usuais, são principalmente para cuidar dos filhos dos crentes. A perspectiva evangelística é secundária.

- Sabemos que, apesar de tão importante como vimos, a evangelização de crianças e de adolescentes não é significativa. Avalie como isso acontece em sua igreja. Identifique as causas da deficiência. Sugira soluções para melhorar isso.

Problemas à vista

Quando nos perguntamos se a Igreja Brasileira é capaz de manter seu crescimento baseada nesse perfil de 77% das conversões entre crianças, adolescentes e jovens, o SUPER20, nos defrontamos com um grande obstáculo: a desresponsabilização. De um lado a complexidade e o alto custo de vida em um cenário de grande urbanização impedem que os mais jovens se tornem economicamente ativos. De outro lado as tendências estatizantes preconizam a tutela do Estado. Então somos pressionados por uma enxurrada de ideias, teorias, leis e práticas que desempoderam, desautorizam, segregam e alienam a participação dos mais jovens, ainda que frequentemente se diga o contrário.

A influência desse cenário na Igreja nos levou aos ‘ministérios de entretenimento’. Sem crer ou se esforçar pela santidade e missão de crianças, adolescentes e jovens, a Igreja pretende entretê-los e diverti-los, até que tenham idade ou vontade de assumirem um compromisso verdadeiro com Deus. Reduz-se, então, a importância e abrangência da fé na vida dos adolescentes e jovens.

Redução da responsabilidade

A adolescência já se parece com umas férias em que a pessoa não precisa assumir qualquer responsabilidade. Crianças, adolescentes e jovens, até certo ponto, não trabalham, não respondem à lei, não têm deveres, não são punidos. Na igreja não se lhes prega sobre pecado e inferno, sobre salvação e santidade. É como se o pecado não fosse pecado nessa idade, como se houvesse um período da vida em que os princípios eternos não têm validade, como se houvesse uma moratória espiritual.

Na pós-modernidade, na aglomeração urbana, três crises sucessivas dificultam a evangelização: a crise de verdade (fé), a crise de esperança, a crise de amor (compromisso). As pessoas mais jovens, sem qualquer referência a que se agarrarem, tornam-se individualistas em sua percepção, imediatistas em sua expectativa e apáticas em suas escolhas. Outra forma de ver isso é a falta de identidade missional, a ausência de meta-narrativa, de vínculos coletivos e de esperança.

Redução do conteúdo

Aceitou-se que crianças, adolescentes e jovens não gostam de ler a Bíblia, não gostam de orar, então a Igreja substitui essas práticas devocionais por outras de que gostem mais. É como se, na escola, não gostando de matemática se oferecesse dança e música como alternativa. O fato é que, de um modo geral, se reduz o conteúdo e sua aplicabilidade. Descemos da era da sabedoria para a do conhecimento na modernidade, da era do conhecimento para a era da informação na pós-modernidade. Mas não paramos aí: estamos entrando na era do dado. Os dados estão disponíveis, de fato, mas as pessoas escolhem não os acessar (a segunda oralidade, por exemplo). É uma nova idade das trevas, um medievo empacotado em tecnologia.

Redução da inclusão

Valoriza-se demasiado o conflito entre gerações. Os mais velhos já ensinaram os mais novos; depois aprenderam juntos. Agora os mais novos ensinam os mais velhos, e

suspeitam de tudo o que eles têm a dizer. O resultado é a segregação etária. As idades não convivem, não se comunicam, não se completam. Cada vez mais as igrejas também se dividem em igrejas de velhos e igrejas de jovens ou, o que é pior, em igrejas e 'não-igrejas'. Isso fala contra a unidade do Corpo de Cristo, contra a integração funcional dos membros e a celebração de suas diferenças complementares.

Redução da participação

Crianças, de certo modo, adolescentes, em grande parte, e jovens, quando ainda estão, não são responsabilizados, não são capacitados, não são incluídos e não participam das decisões e atividades missionais da Igreja. Reserva-se-lhes uma agenda de diversão, promovida por cuidadores. Sem estarem unidos à Igreja, segregados por sua idade, as crianças, adolescentes e jovens não são contados para produzir os resultados que Deus espera. Seus dons específicos e indispensáveis não são usados. Eles não contribuem com suas capacidades de inovação, aglutinação, nem com sua energia e entusiasmo. Não se sentem parte da igreja, então partem dela. A Igreja adoece pela falta deles, fica anêmica e incapaz, depois morre.

Uma porta

A psicopedagogia, principalmente o construtivismo piagetiano, impõem uma visão linear ao processo cognitivo do qual depende a fé como conhecimento espiritual: 'conhecereis a verdade e a verdade vos libertará' (João 8:32). É como se na infância e adolescência as pessoas não fossem completas e, por isso, não tivessem uma fé válida, nem necessitassem de uma salvação inteira. Fica o pecadinho, a salvaçozinha, a salinha, o cultinho, o louvorzinho, a ofertinha, a historinha e a oraçãozinha. As descobertas da neurociência no início desse novo milênio, porém, apontam em outra direção. Nosso cérebro não evolui exatamente, sendo, em alguns momentos, imaturo e incapaz. Nós temos diferentes cérebros em diferentes momentos da vida, maravilhosamente desenhados para atender às necessidades e desafios da idade.

Isso deve nos dar uma nova perspectiva para a evangelização e o pastoreio de jovens, adolescentes e até crianças. Os cinco elementos seguintes, baseados no cérebro que adquirimos do meio da adolescência e mantemos até o fim da juventude, significam oportunidades para a conversão e participação das pessoas abaixo de 24 anos de idade, uma porta para que eles sejam alvos e agentes da evangelização, a missão bíblica da Igreja. Neurologicamente, as pessoas acima de 25 anos de idade devem ser consideradas em uma nova categoria, os jovens adultos, na medida em que estreiam o cérebro que vai acompanhá-las em toda a fase adulta, até ser substituído por outro mais leve depois dos 60 anos.

Identidade

Com a aceleração dos lobos parietais responsáveis pela percepção, adolescentes e jovens em boa medida, estão em busca da identidade, a percepção de si mesmos, que levarão para a vida adulta. Nesse processo, rejeitam aquilo que pode associá-los à infância, inclusive a influência da família e a religião dos pais. A fé evangélica pode oferecer uma forte identidade a adolescentes originários de famílias de outras religiões e a igreja deve pensar como a novidade do Evangelho levará os nascidos na igreja a novos estágios da fé e à uma identidade aceitável.

Insatisfação

Com um sistema de recompensa empobrecido, plano de Deus para tirá-los do conforto da infância e do ninho familiar, adolescentes e jovens saem em busca de experiências radicais que tenham o poder de produzir novas e mais intensas sensações prazerosas. Novos relacionamentos, verdadeiras amizades e mesmo uma experiência religiosa mais intensa podem suprir essa carência.

Argumentação

Com o aumento da massa branca, a velocidade do raciocínio do adolescente aumenta extremamente em relação à infância e ele se torna mais questionador e mais argumentativo. O cristianismo evangélico tanto pode satisfazer melhor sua necessidade de uma fé mais lógica, como a defesa da fé oferece a oportunidade de exercitar a argumentação. A igreja, porém, deve se preparar para lidar com essas idades que não querem respostas prontas ou assuntos indiscutíveis, mas desejam se envolver na busca de soluções, mesmo que isso signifique reinventar a roda.

Relacionamentos

Na medida em que se torna mais hábil nos relacionamentos o adolescente e também o jovem buscam novas amizades e se tornam mais sensíveis à evangelização relacional de outros adolescentes preparados para evangelizar. Por outro lado, a Igreja como um ambiente de profundos e compensadores relacionamentos, deve suprir uma carência cada vez maior no ambiente solitário, individualista, egoísta e egocêntrico do mundo digital. Líderes de adolescentes e jovens devem ser hábeis engenheiros sociais.

Inovação

A adolescência é dominada pela sede por coisas novas e a mudança de fé e núcleo religioso provém larga gama de novidades. Todos esses fatores facilitam a conversão dos adolescentes e superam inclusive a inabilidade e despreparo da igreja para alcançá-los e mantê-los. Por outro lado, os adolescentes e jovens que ‘nasceram’ na igreja devem encontrar uma nova e mais compensadora experiência de fé. Obviamente, isso inclui o aval e a valorização de sua capacidade para inovar, criar e participar ativamente do ministério. Líderes adultos, de jovens e adolescentes, não devem fazer as coisas para eles, mas através deles: o ministério é dos jovens e dos adolescentes, os líderes devem servir como facilitadores das atividade e mediadores da inclusão.

.....
Os conceitos apresentados nessa apostila são parte integrante do SUPER20. É proibida a reprodução por qualquer meio. A citação é permitida com o devido crédito bibliográfico.

.....
José Bernardo é o fundador e presidente da Agência Missionária de Mobilização Evangelística – AMME evangelizar e vice-presidente do ministério internacional de distribuição das Escrituras – OneHope.
.....